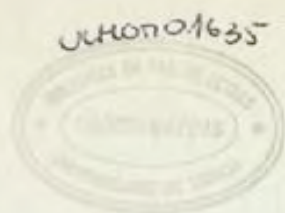




TEATRO



do Romantismo aos nossos dias. CENTO



*uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por*

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

1870

...

...

...

...

2.^o volume

Olga Alves Guerra

Nasceu na Horta (ilha do Faial, Açores).

Obras principais: *Teatro* — Tempos Modernos (*Teatro Nacional*, 1940); O Desaparecido (*Teatro do Ginásio*, 1942); Vidas sem rumo (*Teatro Nacional*, 1945); A Senhora Doutora (publicada em 1947); A rapariga do bar (*Teatro Faialense*, 1956); O Passado, Fred e a multidão, A comédia do cinema (inéditas).

Outras obras: Noite de máscaras, romance (1956).

Ao contrário do que sucede no romance e na poesia — bastará recordar os nomes de uma Irene Lisboa, uma Maria Archer, uma Agustina Bessa Luís ou uma Fernanda Botelho; e de uma Florbela Espanca, uma Natércia Freire, uma Sofia Andressen ou uma Natália Correia — rareiam, na literatura dramática portuguesa, as obras válidas subscritas por autores do sexo feminino. Se excluirmos, como aliás se impõe, as comédias mundanas de Virginia Vitorino e os dramas que se pretendem morigeradores de Laura Chaves, a única excepção a essa regra constituem-na os Tempos modernos e as Vidas sem rumo de Olga Alves Guerra, — já que O Inseparável de Agustina Bessa Luís fica muito aquém da sua poderosa obra romanesca, e a Comunicação de Natália Correia situa-se a meio caminho entre o poema e o drama, de que é um mero embrião, ainda que notável.

Tempos modernos, a peça de estreia de Olga Guerra, não é — como escreveram alguns críticos apressados ou ciosos de puxarem a brasa à sua sardinha — um libelo contra o divórcio, mas sim a acusação impiedosa (e tanto mais eficaz quanto a sua autora deixa ao espectador a liberdade de, reflectindo sobre o tema proposto, por si próprio chegar a uma conclusão) de uma sociedade frívola e egoísta, em que os caprichos e os interesses substituem os sentimentos e as ideias, e em que a mulher é encarada como objecto de luxo e de prazer e o casamento o factor primacial da sua alienação.

Construída em moldes que divergem das estruturas habituais — nela não existe um conflito com princípio, meio e fim, mas sim diversos aspectos de um mesmo conflito, segundo as palavras da sua autora — a peça de Olga Guerra, saudada pela crítica responsável como uma revelação (foi esse, designadamente, o título do artigo que na Seara Nova Adolfo Casais Monteiro lhe dedicou), veio quebrar o marasmo em que o teatro português estagnava quando, em 29 de março de 1940, se estreou no palco do Teatro Nacional de D. Maria II, interpretada por Palmira Bastos (a Avó), Amélia Rey-Colaço (Ângela), Maria Lalande (Maria da Graça), Maria Clementina (Pilar), Adelina Campas (Clara), Maria Brandão (Criada), Augusto de Figueiredo (Rui), Robles Monteiro (João de Castro), João Villaret (Luís) e Raul de Carvalho (Manuel Valadares).

Olga Alves Guerra

TEMPOS MODERNOS

Personagens:

SOFIA MENDONÇA, a Avó.

ANGELA MENDONÇA.

MARIA DA GRAÇA.

PILAR.

CLARA.

RUI.

JOÃO DE CASTRO.

LUIS.

MANUEL VALADARES.

CRIADA.

ACTO PRIMEIRO

Sala mobiliada com riqueza e bom gosto. O fundo da cena é um largo envidraçado, que abre sobre o jardim. À D. e à E., nos dois planos, portas. À D., mesa com um telefone. No 1.º plano à E., divã coberto com uma colcha antiga. Quando sobe o pano, Clara conversa com Pilar, que acaba de chegar. Esta é uma mulher elegante de 40 anos. Fuma e fala com animação.

CLARA: Não será exagero? Diz-se tanta coisa que não é verdade...

PILAR: Pois sim, julgas que não reparo no que se passa? A Tótó não é como tu... não estuda, não a vejo pegar num livro... É verdade que nunca estou em casa...

CLARA: Neste nosso curso é preciso trabalhar, trabalhar a valer, com vontade... E a Tótó divaga...

PILAR: Sim, divaga nos cinemas... E a respeito de estudar, tenho sempre quem me venha dizer: — «Lá vi a sua filha muito bem acompanhada»... Que hei-de eu fazer, diz lá? Não posso vigiar a Tótó! Tenho os meus «chás», os meus «bridges», não posso cansar-me a ver por onde ela anda! Sim, isto não se mete na cabeça a ninguém!

CLARA: Claro...

PILAR: Uma mãe não é um cão de fila! (Pausa.) Lá na escola conheces-lhe algum «firt»?

CLARA: Sabe... Reparo pouco nessas coisas...

PILAR (com gravidade cômica): É bem triste uma mãe ser obrigada a fazer um inquérito desta natureza. Clara, tu vais falar-me francamente...

CLARA (atalhando): Para lhe falar francamente, o que me parece sensato é a Tótó desistir do curso de Medicina para que não tem vocação, e acompanhar a senhora D. Pilar aos «chás» e aos «bridges»...

PILAR (chocada): Oh, Clara, olha que eu também não preciso dum cão de fila! (Pausa.) Ouve lá: conheces-lhe algum «firt» sério?

CLARA: Sério, a valer, não! Mas tenho-lhe conhecido muitos «firts»...

PILAR (alegre): Ainda bem! Vim aqui a casa falar contigo, porque tenho muita confiança em ti. Posso então estar sossegada e não pensar mais no assunto?

CLARA (simulando não perceber): Qual assunto?

PILAR: Minha filha, acabas de me dizer que não é nenhum «firt» sério, a valer... Tiras-te-me um peso de cima de mim. Obrigada! Desculpa o tempo que te roubei... (Indicando a mesa onde estão os livros e os apontamentos.) Isto é tudo para meter na cabeça? Não te invejo! (Despede-se, vai a sair, mas volta.) Queres saber a novidade? Levo este ano à Exposição do Jardim a minha «Mistinguette»...

CLARA: A cadelinha? Faz muito bem! Ela é um amor! Merece um prémio!

PILAR: Se a visses agora... Dei-lhe ontem um banho de água oxigenada ao pélo. Está loira, está ardente!

CLARA: Que pena não a ter trazido; anti-gamente, andava sempre com ela debaixo do braço...

PILAR: Andava... E dava-me «chica», não achas? Mas tive um desgosto em casa das Magalhães. Ela mordeu o Damião!

CLARA: Oh!

PILAR: Imagina! O Damião, com aquela lha de diplomata, as polainas, o monóculo, o brásão no dedo... Não sei onde foi ele arranjar o brásão... O avô dele vendia bacalhau... o teu primo Luís disse-me que a «Mistinguette» o tinha mordido porque lhe cheirou a Terra Nova... (Pausa.) O Damião! Se o visses... Vi jeitos de ele a morder também... Estava... uma fera!

CLARA (rindo): Ó senhora D. Pilar, podia agora trazê-la consigo; o Damião já não a conhece — a «Mistinguette» está loira!

PILAR: Conhece. A mulher dele, há questão de um mês, tinha o cabelo preto. — Últimamente está loira platinada, e que conste, ele ainda a conhece...

CLARA: Ora o Damião! Gostava de ter assistido a essa cena!

PILAR: Foi estupendo! A «Mistinguette» a ladrar, ele a procurar o monóculo debaixo dos móveis...

LUIS (entrando alegre, petulante, cheio de vida. A Pilar): Deixe-me vê-la bem! Deixe-me devorá-la! Como sempre, elegante, espumante, faiscante...

PILAR (levantando a mão): Pára!

LUIS: Por hoje... Então a nossa Tótó, como está?

PILAR: Anda com a mania de emagrecer... Só come salada de alface! Está um espinafre! Mas vocês, homens, agora, é do que gostam!

LUIS: Os médicos proíbem a carne! Elas comem alface, e nós... espinafres...

PILAR (divertida): Ó rapaz, mas tu dizes isso com um ar sucumbido... Parece que não gostas...

LUIS: Eu lhe digo, senhora D. Pilar... Dizem que somos inconstantes, volúveis... Mas elas são todas tão direitinhas, tão estilizadas, que para termos a impressão de gostar de uma mulher, precisamos de muitas, precisamos dum molho de espinafres!

PILAR: Vocês querem saber a novidade?... Quem anda pelo beijo com a Maria Eugénia?

LUIS: É o Pedro Silveiras! Isso já é velho! Já dura há um mês!

CLARA: Que horror! Ela é um amor! Ele farta-se de ser feio!

PILAR: Olha que não! Dentro do automóvel, ao volante, faz um sucesso! O automóvel é esplêndido!

LUIS: Ambas têm razão. O Pedro Silveiras é realmente feio, tem uma cara que parece um retrato de bilhete de identidade; mas a guiar o automóvel impressiona todas as mulheres.

PILAR: O que tu tens é inveja...

LUIS: Isso é verdade! As conquistas a pé estão a tornar-se difíceis...

CLARA (a Pilar): É verdade... Está contente com a sua nova casa?

LUIS: Já lá fui! O elevador estava em «pannes»... Subi a escada que é dum «chica»...

PILAR: A escada é amorosa! Os quartos é que são pequenos. Imaginem vocês que a criada de fora tem de dormir num divã na casa de jantar. Divã que, de dia, se transforma em biblioteca.

LUIS: Móvel precioso para uma criada alfabetizada!

PILAR: Tua mãe também está radiante com a sua nova casa...

LUIS: Sim, está. É uma casa moderna com casa de banho para criadas. Outro dia, a minha mãe tocou para lhe trazerem o pequeno almoço. Apareceu a cozinheira a declarar que a criada de mesa estava no banho. Minha mãe zangou-se! Compreendi que as nossas donas de casa ainda ficam um pouco chocadas, quando as criadas estão no banho!

PILAR (rindo): Essas casas são frias... quer dizer, o prédio do lado, onde mora a Maria Santiago, tem «chauffage». Ela, como é económica, só põe aquilo a funcionar nos dias em que os noivos das filhas vão lá jantar.

LUIS: A esse respeito, tenho cá um pressentimento. Estou a ver que esses noivos quando se tornarem genros, e forem visitar a sogra, vão rapar um frio...

PILAR: Talvez... Dize-me as horas... Quando saio, ou hei-de esquecer-me do relógio ou da cigarreira...

LUIS (vendo o relógio): Ainda não são 3 horas...

PILAR: Devia descansar um instante, tenho tido um dia desgraçado... Ando a organizar um «bridge» de caridade. Tenho de ir à massagista, à passagem de modelos. Ó Clara, tenho agora sempre, aqui, uma dor... O médico lá de casa, o Dr. Silva, o velhote, disse-me que era fígado... Mas vocês, médicos novos, sabem coisas novas...

CLARA: Sim, mas o fígado continua no mesmo lugar.

LUIS: Não falemos do seu fígado, por amor de Deus! Uma mulher bonita não tem fígado!

PILAR: Eu levo uma vida... Ontem, deitei-me às quatro da manhã. Depois do «bridge», em casa das Monteiros, começámos a discutir tipos de homens. Os morenos tiveram maior votação, está claro! Eu declarei que o meu tipo de homem era o meu marido. O Chico estava presente, ficou babado! (Lá se treme com intenção.)

Í N D I C E

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII 657

<i>Introdução</i>	IX
1. <i>Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa</i>	XIII
2. <i>Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett</i>	XV
3. <i>Garrett e a restauração do teatro português</i>	XVI
4. <i>Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia Catão e a geração liberal de 1820 — O exílio</i>	XVII
5. <i>O Auto de Gil-Vicente, início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o Frei Luis de Sousa — As últimas peças de Garrett</i>	XIX
6. <i>O equívoco do teatro histórico ultra-romântico</i>	XXI
7. <i>O melodrama histórico da década de 1839-50</i>	XXIII
8. <i>O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo</i>	XXVIII
9. <i>A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo</i>	XXXII
10. <i>A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro</i>	XXXIII
11. <i>Outros encontros da «geração de 70» com o teatro</i>	XXXVII
12. <i>Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português</i>	XXXIX
13. <i>Revivescência do teatro histórico — A Pátria de Junqueiro</i>	XLI
14. <i>O realismo dos Velhos de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas</i>	XLV
15. <i>Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista</i>	XLVII

16. <i>O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes</i>	XLVIII
17. <i>O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira</i>	L
18. <i>Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão</i>	LIII
19. <i>Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício</i>	LIV
20. <i>Situação do teatro português entre 1918 e 26</i>	LVI
21. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional</i>	LVIII
22. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: A sátira de costumes</i>	LIX
23. <i>O teatro de Alfredo Cortez</i>	LXII
24. <i>A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro</i>	LXIII
25. <i>O teatro português na década de 30</i>	LXV
26. <i>O modernismo no teatro português</i>	LXVIII
27. <i>O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental</i>	LXXII
28. <i>Situação actual do teatro português</i>	LXXIII
29. <i>O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos</i>	LXXVIII
30. <i>Conclusão</i>	LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente	1
Gomes de Amorim: Figados de Tigre	21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa	53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflores	71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar	105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema	121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha	143
Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã	171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre	189
Eduardo Schwalbach: Os Postigos	217
Manuel de Faria e Silva: O Marinheiro	275
Vitoriano Braga: Octávio	283
Carlos Selva: Entre Giestas	303
António Patrício: D. João e a Máscara	341
Ramada Curto: O homem que se arranjou	371
Raul Brandão: O Avejão	397
António Botto: Alfama	403
Alfredo Cortez: Gladiadores	427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traíçoero	449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos	473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente	493

× <i>Alves Redol: Maria-Emília</i>	519
× <i>Branquinho da Fonseca: Curva do Céu</i>	529
<i>José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe</i>	535
× <i>Almada Negreiros: Antes de começar</i>	559
→ × <i>João Pedro de Andrade: Continuação da comédia</i>	567
× <i>Jorge de Sena: Amparo-de-Mãe</i>	575
× <i>Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte</i>	581
<i>Bernardo Santareno: A Promessa</i>	597
<i>Costa Ferreira: Um homem só</i>	623

Nota Final

Nota Bibliográfica

Índice dos Nomes Citados no Prefácio



Principais Correções

660

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	incluído	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, <i>episódios em 1 acto</i> (1902); <i>O Rei Maldito, peça histórica em 5 actos</i> , e <i>A Noite do Calvário</i>
121	31	<i>solicitados, por</i>	<i>solicitados por</i>
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade (1953)	Voz da cidade (1952)
427	7	Henri Josset	André Josset
575	17	causa	acusa
575	18-19	<i>épocas ad libitum, permutáveis</i>	<i>épocas, ad libitum permutáveis</i>
581	22	(1969)	(1961)
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.